

# **CULTURA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL REFLETIDAS NO FAZER ARTESANAL**

Autor 1: Bruna Izabela Ribeiro Alves dos Santos  
*Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDic), da Universidade Estadual de Alagoas UNEAL.*  
*E-mail: brunaizabelaribeiroalves@hotmail.com*

Autor 2: Cristiano Cezar Gomes da Silva  
*Professor do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDic), Universidade Estadual de Alagoas UNEAL.*  
*E-mail: cristianocezar@uneal.edu.br*

Autor 3: Conceição Maria Dias de Lima  
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDic), Universidade Estadual de Alagoas UNEAL.*  
*E-mail: ceicadidas@yahoo.com*

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo analisar os delineamentos conceituais que operam no contexto do território, representação, identidade e cultura, que são importantes elementos para o desenvolvimento do artesanato, compreendido como uma prática repleta de sentidos e significados. Nesse sentido, apresentamos o artesanato a partir de uma base conceitual que o denomina como sendo a (re)significação da tradição, por meio do qual a sua origem histórica servirá de sustentação para a compreensão de que o fazer artesanal, nos moldes propostos originariamente, foi transformado para se adequar à realidade social atual, entretanto, sem perder suas características principais.

Para tanto, fez-se necessário adotar uma metodologia de natureza bibliográfica, ancorada em teorias de autores como Bauman (2013), Cancline (1998), Haesbaert (2004) e Santos (2001). Desse modo, destaca-se o artesanato relacionado aos valores sociais e culturais de um povo, representando não apenas sua dimensão econômica, como um recurso para trazer lucratividade e sustentabilidade para sua população, mas significa a construção de artefatos caracterizados como símbolos identitários.

## **1. Fundamentação teórica**

A multiplicidade de conceitos a respeito do que seria território transita em diversas

áreas do saber, desde a geografia à antropologia, cada uma traz um enfoque diferente, que aborda tanto o espaço geográfico como o vínculo simbólico-espacial. Ao partirmos do pensamento de Santos (2001, p. 97), surge a ideia de que o território é um espaço geográfico, dotado de diversas categorias de análise, o qual não pode ser dissociado do homem. Desse modo, o sentido é na direção de que sua conceituação está atrelada a ideia de espaço-lugar, sem desprezar as interações sociais, econômicas, culturais e políticas que ocorrem na sociedade.

A cultura se relaciona ao território através da compreensão, como uma espécie de instância social, que está ligada às diversas formas de apropriação do território, em seu sentido simbólico, como um espaço em constante mutação, onde se opera uma forma de apropriação e representação da identidade cultural dos sujeitos. Portanto, o território é visto como uma justaposição, onde se tem vários sistemas e conjuntos criados pelo homem, como uma forma de pertencimento (identidade).

Haesbaert (2004), afirma que o território tem ligação como o poder político, econômico e cultural, também diz respeito ao poder simbólico, que está associado à apropriação e dominação, ligado ao valor de uso e de troca. O autor também salienta que o “espaço-tempo vivido”, está ligado à multiplicidade do território representativo, imerso às relações de dominação e de apropriação do espaço que, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

O território, enquanto espaço-lugar vivido, carrega consigo uma infinidade de histórias, que nos instiga a refletir o presente através da imersão no passado, para desvendar os mistérios ligados a um tempo que não pode ser restaurado, cuja construção foi repleta de sentidos e significados.

Para Santos (2001), o território, enquanto espaço geográfico, tem características e definições peculiares:

O espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. Numa situação de extrema competitividade como está em que vivemos, os lugares repercutem os embates entre os diversos atores e o território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade. (SANTOS, 2001, p. 79).

O território, nessa visão, seria o resultado de uma organização, servindo não

apenas como refúgio para o descanso ou lazer, mas como uma forma de manifestação de poder, por meio do qual os melhores “espaços” são disponibilizados aos ricos e poderosos, que veem a oportunidade de lucratividade aumentar, enquanto os desprovidos de recursos ficam com as partes menos rentáveis.

Todos os sujeitos, invariavelmente, são “atores” em seus territórios, seja numa perspectiva formal ou material, uma vez que ao se inserirem em determinado espaço tornam-se produtores do meio social de que fazem parte, ao mesmo tempo sofrem as influências desse meio.

## **2. Resultados alcançados**

Ao compreender sobre o conceito de território, e suas relações de pertencimento com a cultura, percebemos que nesta ótica, o território está ao alcance de qualquer que seja as dimensões do poder, seja ele político ou tradicional. Os autores que sustentam essa análise, sobre o conceito de território, partem da dialética de que, território não pode ser definido como um elemento estático, e sim a partir de uma série de dicotomias relacionadas a espaço/tempo (como se o território fosse fixação e imobilidade), e ao processo que é denominado de “mundo contemporâneo”, sendo um processo de mobilidade extrema, causada pela desterritorialização.

Haesbaert (2004), defende que há uma relação entre o que ele chama de “território zona”, que se trata da base da sociedade e o “território rede”, que seria a compreensão do mundo a partir do território, e não de uma dicotomia entre território de um lado e rede de outro, ou seja, esse “território rede”, seria a vivência de muitos territórios ao mesmo tempo.

Santos (2001) contribui no sentido de que o território não pode ser um lugar neutro e vazio, bem como os sujeitos não podem ser passivos de alienação. Logo, o espaço em sua forma geográfica pode se relacionar na forma como este sujeito se vê, ou seja, “o território usado”, e como os possíveis “atores”. Assim, percebemos que esta dominação está ligada ao poder como produto de apropriação da cultura em seu território representativo e simbólico, estabelecido entre essas relações entre o espaço-tempo vivido, e pelos sujeitos que estão inseridos nele.

Haesbaert (2004) afirma que:

Enquanto *continuum* dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na

multiplicidade de suas manifestações - que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência - pois poder sem resistência, por mínima que seja, não existe). (HAESBAERT, 2004, p. 4).

Desse modo, fica claro que necessitamos, inicialmente, separar os territórios, conforme a forma como são construídos, sejam eles através dos indivíduos, ou até mesmo, dos grupos sociais e culturais, que o constituem. Portanto, podemos dizer que o território traduz elementos culturais, de uma maneira muito própria, fazendo uma leitura da cultura, a partir do material do imaterial, além da política e da economia, que para o autor se relaciona ao “incorporar uma dimensão mais estritamente política, que diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”, lugar este que é visto como uma forma de construção identitária, que traduz elementos advindos das traduções e incorporam particularidades da hibridação cultural.

Bauman (2013) contribui com essa ideia de território, ao relacionar as fragmentações culturais através da perspectiva de que esse “espaço” está “entremostrado pelas fragmentações e particularizações sensíveis em toda parte devidas à cultura e ao território” (BAUMAN, 2013, p. 119). É, portanto, uma forma de reconhecer, através da marcação da cultura, o seu território, que é espaço de referência e da identidade de um povo.

Já Haesbaert (2004) afirma que:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação ("possessão", "propriedade"), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do "vivido", do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (HAESBAERT, 2004, p. 2).

Nesta ótica, o território está ao alcance de qualquer que seja as dimensões do poder, seja ele político ou tradicional, o autor faz uma análise crítica, sobre o conceito de território, a partir da dialética de que, território não pode ser definido como um elemento estático, e sim a partir de uma série de dicotomias relacionadas a espaço/tempo (como se o território fosse fixação e imobilidade), e ao processo que é denominado de “mundo

contemporâneo”, sendo um processo de mobilidade extrema, causada pela desterritorialização.

## **Conclusões**

O termo território, está relacionado ao espaço/tempo, e não pode se dissociar da dialética entre ambos, sendo o território parte da economia, da política e da cultura no contexto da relação com o simbólico (abstrato) e da materialidade (concreto). O território está ligado a esses campos ao relacionarmos com a modernidade capitalista, imposta pelas relações de poder, que por si só, já estão ligadas à territorialidade, e que, portanto, liga o mundo moderno à globalização, como sinônimo de desterritorialização. Portanto, a partir do olhar de vários autores, que abordam a temática estudada, tentamos fazer esse delineamento de conceitos, acerca da cultura, identidade e do território, partindo dos elementos de sua formação, que nos possibilitam compreender as relações de pertencimento existentes entre os indivíduos, impactando na identidade cultural.

## **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: junho de 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.